

Webjornalismo, Jornalismo Digital, Jornalismo Online, Convergência Jornalística: a trajetória científica brasileira nos últimos 30 anos

Webjournalism, Digital Journalism, Online Journalism, Journalistic Convergence: the Brazilian scientific trajectory in the last 30 years

Periodismo en la Web, Periodismo Digital, Periodismo Online, Convergencia Periodística: la trayectoria científica brasileña en los últimos 30 años

David Candido DOS SANTOS DAVE

Brasil

Universidade Estadual de Ponta Grossa

davidcandidods@gmail.com

Paula Melani ROCHA

Brasil

Universidade Estadual de Ponta Grossa

paulamelani@gmail.com

Hendryo Anderson ANDRÉ

Brasil

Universidade Estadual de Ponta Grossa

hendryoandre@gmail.com

Chasqui. Revista Latinoamericana de Comunicación

N.º 154, diciembre 2023 - marzo 2024 (Sección Monográfico, pp. 139-158)

ISSN 1390-1079 / e-ISSN 1390-924X

Ecuador: CIESPAL

Recibido: 30-10-2023 / Aprobado: 21-12-2023

Resumo

Apresenta-se um mapeamento das pesquisas brasileiras sobre o ecossistema digital e o jornalismo, a partir dos grupos cadastrados no diretório do CNPq desde 1990. Tanto os Programas de Pós-Graduação em Comunicação e suas linhas de pesquisas concentradas em Jornalismo, quanto os três programas de pós-graduação *stricto sensu* em Jornalismo, comportam grupos preocupados com o desenvolvimento científico e prático do jornalismo via estudos sobre as reconfigurações dos processos jornalísticos, a partir das transformações tecnológicas e comunicacionais. O objetivo do artigo é através de um levantamento bibliométrico expor a cartografia dos grupos e suas características. Observa-se um aumento na criação de grupos a partir dos anos 2000, 36 grupos, e apenas dois grupos até o fim do século XX.

Palavras-Chave: Estudos em Jornalismo; Convergência Jornalística; Comunicação; Processos Jornalísticos.

Abstract

A mapping of Brazilian research on digital ecosystems and journalism is presented, based on groups registered in the CNPq directory since 1990. Both the Postgraduate Programs in Communication and their lines of research focused on Journalism, as well as the three *stricto sensu* postgraduate programs in Journalism, include groups concerned with the scientific and practical development of journalism via studies on the reconfiguration of journalistic processes, based on technological and communication transformations. The objective of the article is through a bibliometric survey to expose the cartography of the groups and their characteristics. An increase in the creation of groups was observed from the 2000s onwards, 36 groups, and only two groups until the end of the 20th century.

Keywords: Studies in Journalism; Journalistic Convergence; Communication; Journalistic Processes.

Resumen

Se presenta un mapeo de la investigación brasileña sobre el ecosistema digital y el periodismo, a partir de grupos registrados en el directorio del CNPq desde 1990. Tanto los Programas de Posgrado en Comunicación y sus líneas de investigación enfocadas en Periodismo, como los tres programas de posgrado en Periodismo *stricto sensu*, incluye estudios sobre las reconfiguraciones de los procesos periodísticos, a partir de transformaciones tecnológicas y comunicacionales. El objetivo del artículo es a través de un levantamiento bibliométrico exponer la cartografía de los grupos y sus características. Se observó un aumento en la creación de grupos a partir de la década de 2000, 36 grupos, y sólo dos grupos hasta finales del siglo XX.

Palabras clave: Estudios de Periodismo; Convergencia Periodística; Comunicación; Procesos periodísticos.

Introdução

Contexto convergente, jornalismo digital ou webjornalismo. Sobretudo desde os anos 1990, as disciplinas acadêmicas usaram vários termos (Bronosky; Cabral, 2022) para se referir a um fenômeno comum no Jornalismo, o *paradigma tecnológico* (Doyle, 2010; Quandt; Singer, 2009 *apud* Salaverría, 2019). Devido às transformações tecnológicas, nesses 30 anos escuta-se que o jornalismo está em crise, algo que se intensifica em crise econômica e de mercado, de credibilidade e de legitimidade, profissional e de audiência. Todavia, Zelizer (2019, p. 344) atenta que a tecnologia não se torna, substitui ou representa o jornalismo por três razões: “[...] obscurece o fato de que a tecnologia está sempre a mudar gradualmente o jornalismo; cega-nos para os efeitos prejudiciais da mudança tecnológica; e promove o esquecimento daquilo que permanece estável no jornalismo”.

No desenrolar desse período alguns conceitos foram descontinuados e outros se mantêm largos e são usados como base para discussões sobre as transformações do mundo do jornalismo, tais como, *convergência midiática*, *convergência jornalística* (Salaverría, 2019) e *cultura da convergência* (Jenkins, 2009). Também existem abordagens a partir do conceito de *ciberjornalismo*, *jornalismo online* entre outras discussões pertinentes.

A criação e a força dos conceitos são resultado de dois movimentos interligados. O primeiro – que explica por que eles aparecem em um momento dado – são mudanças na realidade, [...] percepção mais aguda de aspectos que já estavam presentes [...] O segundo é de ordem epistêmica e se refere ao quanto [...] uma construção conceitual de fato auxilia a pensar o fenômeno em tela. (França, 2020, p. 24)

Posto este cenário de estudo – e em consonância com a discussão dos vaivéns do jornalismo digital pela perspectiva do campo científico –, a intenção é mostrar onde se produz conhecimento pautado no ecossistema que se forma desde os anos 1990. É possível demarcar na trajetória científica brasileira do Jornalismo e da Comunicação, grupos de pesquisa concentrados nessa temática. Há vários grupos disponíveis no Diretório dos Grupos de Pesquisa do Brasil do CNPq¹ (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico), que ajudam a compreender aspectos da trajetória destas pesquisas na grande área das Ciências Sociais Aplicadas e dentro da institucionalização do ensino superior do Brasil. O objetivo é sistematizar esses grupos cadastrados no Diretório do CNPq, apresentar um mapa indicando a região brasileira, a instituição de origem e um panorama das linhas de pesquisa desenvolvidas desde a década de 1990. Utilizou-se a bibliometria como técnica para construir os indicadores dos grupos e linhas de pesquisa.

1 Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil do CNPq. Disponível em: <http://attes.cnpq.br/web/dgp>. Acesso em: 10 jul. 2023.

O artigo estrutura-se nos seguintes tópicos: detalhamento metodológico e o mapa dos grupos e linhas de pesquisa; as conceitualizações do ecossistema digital a partir da *internet* articuladas às perspectivas da trajetória dos grupos; considerações finais que apontam para uma integração de universidades e seus grupos de pesquisas, sendo possível materializar na história dos grupos uma rede de pesquisa brasileira concentrada na temática da *convergência*, que ultrapassa barreiras geográficas.

Percurso Metodológico e mapeamento das pesquisas

O percurso metodológico focou em encontrar grupos ativos e não atualizados, pois demarcam o percurso das pesquisas. Para localizá-los, foram digitadas as palavras-chaves e os radicais *ciber, converg, digital, hiper, jornal, multi, online, processos jornalísticos, rede, web e jornalismo* (Figura 1). Escolheu-se os grupos um a um, totalizando 38, levando em conta as descrições e as linhas de pesquisa.

Figura 1 - Filtros da consulta parametrizada do Diretório de Grupos CNPq

Fonte: Printscreen site CNPq.

O quadro 1 ilustra parte desses grupos brasileiros, sua instituição de origem, linhas de pesquisa e ano de criação. No que tange a cronologia da criação dos grupos, tem-se: dois nos anos 1990; 11 nos anos 2000; 17 nos anos 2010; e oito nos últimos três anos. Regiões Sul e Nordeste concentram juntas 52,5% dos grupos. A região Sudeste 21%, a região Norte 15,7%, e a região Centro-Oeste 10,5%. Registra-se que a distribuição de cursos de Jornalismo e programas de pós-graduação em Comunicação e Jornalismo são desiguais no território brasileiro.

Quadro 1 - Grupos de Pesquisa brasileiros cadastrados no Diretório (Lattes) do CNPq

GRUPO (INSTITUIÇÃO)	LINHAS DE PESQUISA	CRIAÇÃO
Usos sociais da mídia (UFMS)	Consumo e convergência; Processos de recepção e consumo dos meios de comunicação tecnológicos; Tecnologias da Comunicação, classes sociais e comunidades sustentáveis	1994
GJOL (UFBA)	Comunicação e Cultura Digital; Jornalismo Online	1995
Estudos de Jornalismo (UFMS)	Jornalismo e Tecnologias; Jornalismo, discurso e narrativa	2000
Gemini (UFRN)	Estudos Narrativos da Mídia; Investigações audiovisuais; Nova Ecologia da Mídia	2003
Jornalismo Digital (UFMS)	Jornalismo e Processos Editoriais; Redes sociais, interações e sociabilidades;	2004
Educom (Ceub)	Gestão da comunicação; Linguagens contemporâneas; Novas tecnologias na comunicação; Psicanálise, Comunicação e Educação	2004
Nujoc (UFPI)	Comunicação Organizacional; Comunicação x Desinformação; Economia Política do Jornalismo; História e Memória do Jornalismo; Jornalismo e Produção Cultural; Mídia e discurso; Processos E Práticas Do Jornalismo; Teorias da Comunicação; Webjornalismo;	2005
Tecnologia, Comunicação e Ciência Cognitiva (UFPA)	Processos Comunicacionais e Miatização na Amazônia	2006
JOR XXI (UTP)	Processos mediáticos e Práticas comunicacionais	2006
Gemidi (UEPG)	Lógicas e Processos de Produção Jornalística	2007
Hipermídia e Linguagem (UFSC)	Estudos e Produção Hipermídia; Tecnologias, Linguagens e Inovação no Jornalismo	2007
Ciberjor (UFMS)	Inovações no ensino de Ciberjornalismo; Plataformas móveis em Ciberjornalismo; Qualidade em Ciberjornalismo.	2008
Jornalismo e Multimídia (UFT)	Comunicação e Múltiplos Meios; Estudos em Jornalismo	2009
ConJor (UFOP)	Estudos de som; Métodos digitais	2010

Jornalismo em Redes e Convergência (Unipampa)	comunicação como indústria criativa; Comunicação em redes digitais; Convergência Jornalística; Inovações no jornalismo; Jornalismo audiovisual digital; Jornalismo digital; Webtelejornalismo	2013
Comunicação e Tecnologias Contemporâneas (Unitins)	Discurso e Mídia; Inovação e tecnologia; Jovens em tempo de Convergência	2014
Click (UFPR)	Comunicação e cultura ciber; Novas práticas jornalísticas e audiências interativas	2014
Mídias, redes e jovens: usos e apropriações em contextos digitais (UFF)	Políticas, discursos e sociedade	2014
TECND (UFMA)	Comunicação Digital e Tecnologias da Informação	2015
Comunicação, Tecnologia e Sociedade (Uninter)	Comunicação, Consumo e Cibercultura; Mídia e Tecnologia	2015
Comunicação, Consumo e Subjetividade (UCP)	Cibercultura; Consumo, Memória e Propaganda; Entretenimento e Cultura de Convergência; Sociabilidade e Consumo na Era Digital	2016
Grid (UFPE)	Design Editorial Multiplataforma; Infografia e Visualização de Dados	2016
Televisões (UFF)	Conteúdos televisivos e práticas de consumo na cultura digital; História da televisão em perspectiva com a cultura digital	2016
Grupo de Pesquisa em Jornalismo e Cibercultura (UFMA)	Jornalismo; Meios e Ferramentas na cibercultura	2016
Chrome Photo/Genem (Unesp)	Ecossistemas imagéticos; Estudos da Mídia e Práticas Sociais	2016
Comunicação, Design e Tecnologias Digitais (Unifesp)	Design Educacional e Tecnologias Acessíveis; Jogos, games e gamificação; Narrativas digitais em contextos educacionais e midiáticos; Tecnologias Interativas	2017
InovaCom (UFPA)	Processos Comunicacionais e Mídiatização na Amazônia; Transmídia e Inovação no Jornalismo	2018
EmancipaJor (FCL)	Jornalismo contemporâneo e práticas jornalísticas; Jornalismo, Desinformação e Educação midiática;	2018
Jocon (UFPI)	Redes sociais digitais e interatividade; Webjornalismo e práticas de convergência midiática	2019

Tecnologias, processos e narrativas midiáticas (ESPM)	Processos, técnicas e produções jornalísticas; Técnicas e configurações narrativas	2019
Grupo de Pesquisa em Convergência e Narrativas Audiovisuais (UFRN)	Convergência, jornalismo e práticas audiovisuais; Narrativas audiovisuais, de acessibilidade e transformações tecnológicas	2020
Conecta (UFMS)	Experimentação criativa e tecnológica; Narrativas midiáticas, convergência e consumo	2020
MíDI (UNIR)	Culturas midiáticas; Jornalismo digital	2020
DataJor (IDP-Brasília)	Jornalismo de dados, audiência e desinformação	2021
Proji (UFCA)	Reconfiguração profissional no jornalismo; Tecnologias aplicadas ao jornalismo	2021
Barras (Unir)	Radiojornalismo e condições de trabalho; Rap das ausências nos países africanos de língua oficial portuguesa; Relações entre os músicos, o público, representantes e agentes do Estado; Reconfigurações nas relações dos jornalistas com as fontes; Sonoridades de resistência no hip-hop rondoniense; Versões Ausentes;	2022
Gepin (UFMA)	Estudos sobre o telejornalismo, convergência e rotinas de produção; Jornalismo inclusivo: práticas educativas e desafios na TV; Memória e formação do Telejornalismo Maranhense	2022
JoIA (UnB)	Inteligência Artificial e Jornalismo	2022

Fonte: Dados da pesquisa (2023).

São 62 programas de pós-graduação e 95 cursos de pós-graduação reconhecidos pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, a Capes (Plataforma Sucupira, 2023). A maior concentração está na região Sudeste, com 35,4%, seguida pelas regiões Nordeste e Sul, com mais de 16% cada uma. A região Norte se sobressai à Centro-Oeste, embora ambas abriguem programas criados na segunda década deste século. O mapa da quantidade de grupos por região brasileira (figura 2) mostra que a concentração dos estudos de convergência não acompanha proporcionalmente a distribuição dos programas por região, tampouco os cursos de graduação.

Os grupos cadastrados no CNPq não estão necessariamente vinculados a cursos de pós-graduação. Muitos iniciaram quando a instituição ofertava apenas cursos de graduação. Por isso, encontram-se pesquisas de iniciação científica e de trabalho de conclusão de curso ancoradas nas linhas, o que entende-se como positivo, pois aguça a participação em pesquisas já na graduação. A pós-graduação impulsiona os grupos com o ingresso de estudantes de mestrado,

doutorado e pós-doutorado, além de facilitar parcerias em redes de pesquisa nacionais e internacionais.

Figura 2 - Quantidade de Grupos de Pesquisa por região brasileira



Fonte: Dados da pesquisa (2023).

Essa estrutura acadêmica e científica brasileira ajudou a sustentar pesquisas sobre o jornalismo no ecossistema digital. Na região Sul as linhas de pesquisas agregam diversas correntes de estudos, tais como: consumo, recepção, discurso e narrativa, processos editoriais e mediáticos, interação, sociabilidade, práticas comunicacionais, lógicas e processos de produção jornalística, estudos em hipermídia e linguagem, indústria e experimentação criativa, redes sociais e digitais, convergência jornalística, inovação, audiovisual digital, jornalismo digital, cibercultura, novas práticas jornalísticas e mídia.

Na região Sudeste os estudos sobre discurso, consumo, cibercultura, sociabilidade, mídia, narrativa, práticas jornalísticas e processos e produções jornalísticas também aparecem, acompanhados de: estudos de som, métodos de pesquisa digitais, política, memória, propaganda, entretenimento, cultura da convergência, televisão na perspectiva da cultura digital, ecossistemas imagéticos, práticas sociais, *design*, tecnologias acessíveis e interativas, educação midiática, jornalismo contemporâneo, desinformação e tecnicidades.

Os grupos do Norte abarcam discussões presentes no Sul e Sudeste, com linhas de pesquisa específicas: multimeios, estudos em jornalismo, jovens em tempo de convergência, transmídia, culturas midiáticas, radiojornalismo e condições de trabalho, reconfigurações na relação dos jornalistas com a fonte

pensando o jornalismo assentado e profundo na era da convergência. Porém possuem linhas específicas que condizem com os interesses regionais e sociais dos pesquisadores e instituições. Por exemplo, desenvolve-se estudos sobre processos comunicacionais e midiatização especialmente na Amazônia, nos grupos *Tecnologia, Comunicação e Ciência Cognitiva e Inovacom*, ambos da Universidade Federal do Pará.

O Nordeste do país segue o fluxo das outras regiões, todavia, alguns estudos se sobressaem na região, como: jornalismo *online*, cultura digital e jornalismo, webjornalismo, tecnologias da informação, design editorial multiplataforma, visualização de dados, convergência midiática, convergência e jornalismo, convergência e rotinas de produção no telejornalismo, acessibilidade e tecnologias aplicadas ao Jornalismo. No Centro-Oeste as linhas de pesquisa que destacam-se são: linguagens contemporâneas, novas tecnologias, ciberjornalismo – diferente das outras regiões do país que discutem a cibercultura –, jornalismo de dados, audiência e Inteligência Artificial (IA). É a única região do país a estreitar uma linha de pesquisa tratando da IA, o que não significa que foi a responsável por inaugurar a discussão.

Cartografia em 30 anos

Após a inserção das tecnologias digitais e da conexão com a *internet*, o campo científico do Jornalismo passou a investigar a temática largamente. A trajetória dos grupos e de suas linhas de pesquisa mostra isso. Além disso, os estudos em Jornalismo e Comunicação atravessados pelo tema passam por uma progressão alinhada aos desdobramentos da inserção da tecnologia no processo comunicacional e seus impactos. Essa linha de raciocínio tenta cercar o debate sobre *convergência* a partir dos processos de produção, circulação, consumo e recepção do jornalismo.

Muito porque as transformações na prática jornalística nos *contextos convergentes* são constantes e imparáveis, e agregam-se aos processos jornalísticos, modos de produção, distribuição e consumo apoiados nos dispositivos tecnológicos, reconfigurações dos processos comunicacionais e nas relações de poder. Esses *interagentes* (Latour, 2012) atuam nas bordas, centros e intermédio dos processos jornalísticos, e multiplicam-se ao ponto em que não é só a gráfica, o jornalista e o editor-chefe que pegam o produto jornalístico na mão e estabelecem seu destino antes do público. Há camadas invisíveis de interações digitais que precisam ser descritas (Barsotti, 2018) no contexto da *convergência jornalística*.

Essas mudanças relacionais e processuais afetam o trabalho jornalístico e o campo científico que o incorpora como objeto de estudo específico, o que por sua vez, possibilita a fundação de um campo de conhecimento especializado. Sendo especializado, o campo cerca seus objetos de estudo a partir de perspectivas ideológicas, teóricas e metodológicas, tentando entender os fenômenos que

tensionam a prática jornalística. É possível vislumbrar na trajetória dos grupos e linhas de pesquisa a partir da década de 1990 esse percurso de inquietação científica frente às rupturas do campo empírico.

Anos 1990 e o preâmbulo do *Jornalismo Online e dos Usos Sociais da Mídia*

No final do século XX, as preocupações instigadas pelos grupos eram outras e geralmente norteadas pelo fenômeno *internet*. Isso porque nos primórdios da *internet* comercial, nos anos 1990, a metáfora da primeira página impressa inspirou o modelo das *home pages* (Mc Adams, 1995), transpondo para os sites noticiosos o mesmo conceito adotado pelos jornais (Barsotti, 2018, p. 143) – um quebra-cabeça para as pesquisas da época. Especificamente em 1994 e 1995, a Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e a Universidade Federal da Bahia (UFBA) depararam-se com esse cenário e passaram a abrigar dois grupos de pesquisa em Jornalismo interessados nessas problemáticas.

A trajetória deles aproximam-se pela data de criação e parceria em Redes de Pesquisa e seus esforços condizem com a realidade tecnológica e cultural da época. Mesmo em um contexto de incertezas, esses espaços reconheceram a relevância da inserção da pesquisa científica em Jornalismo no debate, para assim tentar entender as transformações do campo. O primeiro, *Usos Sociais da Mídia*, foi criado em 1994 na UFSM como parte das atividades do Programa de Educação Tutorial (PET)². Tem parcerias nacionais e internacionais, e no Brasil integra o plano de trabalho bianual do Observatório Brasileiro de Ficção Televisiva, dada a tradição brasileira com o audiovisual. Entre 2018 e 2022 integrou a equipe do *Projeto Capes-Print Informação e Tecnologia* com o objetivo de internacionalizar a instituição e o Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFSM. Os projetos de pesquisa receberam apoio de órgãos de fomento nacional e estadual. A participação inclui alunos petianos, de graduação, de iniciação científica, mestrandos e doutorandos do PPGCOM (desde 2006).

O segundo, *Grupo de Pesquisa em Jornalismo On-Line* (GJOL), formou-se em 1995 na UFBA e desenvolve pesquisas sobre jornalismo *on-line*, jornalismo digital, jornalismo em base de dados e Novas Tecnologias de Comunicação. Ligado ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas da UFBA, configura-se como uma Rede de Pesquisa, envolvendo pesquisadores e estudantes dos Programas de Pós-Graduação da Universidade Federal de Pernambuco, Universidade Federal de Santa Catarina, UFSM, Universidade

2 Projeto criado em 1979 com o nome de Programa Especial de Treinamento da Capes, o Programa de Educação Tutorial (PET) da Secretaria de Educação Superior (SESu) busca propiciar aos estudantes de graduação, sob orientação de um professor tutor, condições para a realização de atividades extracurriculares. Disponível em: <https://www.ufsm.br/pro-reitorias/prograd/programa-de-educacao-tutorial>. Acesso em 4 out. 2023.

Federal de Mato Grosso do Sul, Universidade Federal do Piauí, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro e Universidade Estadual da Paraíba, colaborando em pesquisas conjuntas, publicações coletivas e organização de eventos.

Início do século XXI e estudos em Jornalismo, Mídia e Comunicação

Na transição para o século surgiram novos grupos e alguns reformularam suas linhas de pesquisa, firmando uma corrente de estudos brasileiros sobre comunicação, jornalismo e *internet*. Os anos 2000 foram essenciais para engrossar o caldo da discussão relacionada ao jornalismo no contexto convergente a partir das atividades dos 11 grupos. As conexões, a política, a economia, a indústria cultural e outros setores sociais, incluindo aí o jornalismo, manejaram estratégias para integrar-se à realidade relacional do período.

O grupo *Estudos em Jornalismo*, criado em 2000, está vinculado ao curso de graduação em Comunicação e ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFSM. Integra doutores, doutorandos, mestrandos e acadêmicos do curso de Jornalismo para discutir as teorias da comunicação e do jornalismo, estimular a produção científica qualificada e sua divulgação, a partir da publicação de resultados de pesquisas, participação em congressos da área e integração com outras instituições, inclusive internacionais.

Desde 2003, o *Grupo de Estudos de Mídia* (Gemini) articula pesquisas em práticas sociais mediadas, processos de circulação e de produção de sentido, englobando os estudos socioculturais de comunicação, pesquisas sobre cultura tecnológica, jornalismo e política. O grupo foi formado na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

Entre 2004 e 2011 o grupo *Jornalismo Digital* (JorDi) esteve ligado ao PPGCOM da UFSM e desde agosto de 2011, ao PPGCOM da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Estudantes de mestrado, doutorado e pós-doutorado do PPGCOM, bolsistas de iniciação científica, voluntários em nível de graduação da UFRGS, bem como professores e estudantes de outras instituições, estudam inovação ligada aos processos e produtos do jornalismo praticado nas redes digitais. Também em 2004, formou-se o grupo *Educação Superior e Comunicação* (Educacom) e suas linhas de pesquisa, que compõem os eixos programáticos dos trabalhos desenvolvidos pelos professores e alunos dos cursos na área de Comunicação Social do Centro Universitário de Brasília (Ceub). Em 2005, o *Núcleo de Pesquisa em Jornalismo e Comunicação* (Nujoc) iniciou as atividades na Universidade Federal do Piauí (UFPI) com contribuições para os estudos em teorias do jornalismo e da comunicação, comunicação e cultura e tecnologias mediáticas. Tem por objetivo integrar áreas de investigação social e humana, ciências da linguagem, fatores tecnológicos e as artes no Brasil e exterior.

Em 2006, o grupo *Tecnologia, Comunicação e Ciência Cognitiva* começou na Universidade Federal do Pará (UFPA). O escopo compreende³ as relações entre ciência e tecnologia e os seus impactos cognitivos, na perspectiva da Comunicação Social, incluindo o Jornalismo como objeto de estudo. Produz pesquisa básica e aplicada nas áreas: interfaces digitais, processos de interação humana e interatividade, sistemas computacionais de recomendação, de avaliação e de reputação, redes sociais conectadas, mídia digital, captação, análise, relacionamento, distribuição de dados e informações estruturadas, apresentados em visualizações multimídia e novas formas de narrativas por intermédio de plataformas digitais. Em 2023 há outros grupos derivados deste e que estão no guarda-chuva do grupo *Tecnologia, Comunicação e Ciência Cognitiva* na UFPA. Também criado em 2006, na Universidade Tuiuti do Paraná (UTP), o grupo *JOR XXI* estuda transformações do Jornalismo, focando o hibridismo dos meios de comunicação e as mudanças tecnológicas. Reúne pesquisadores que atuam na graduação em Jornalismo e Publicidade da UTP e de outras instituições paranaenses e catarinenses. Desenvolve atividades, como seminários e reuniões conjuntas com outros grupos de pesquisa, com o intuito de avançar nos estudos e promover intercâmbio entre pesquisadores.

Em 2007, algo específico aconteceu no cenário acadêmico da pesquisa em Jornalismo do Brasil: o campo, que até então era composto por grupos de pesquisa e linhas de pesquisa concentradas em Jornalismo, mas alocadas em Programas de Comunicação, ganha o primeiro grupo de pesquisa situado em um Programa *Stricto Sensu* em Jornalismo, o grupo *Hipermídia e Linguagem*. Oriundo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), abriga o Núcleo de Estudos e Produção Hipermídia Aplicados ao Jornalismo (Nephi-Jor). O *Hipermídia e Linguagem* agrega pesquisadores que investigam sobre o desenvolvimento da hipermídia e do ambiente convergente aplicados ao jornalismo. Dentre os temas em estudo estão: novos formatos e conteúdos, repercussões da convergência de mídias e de linguagens, jornalismo baseado em banco de dados, jornalismo e Inteligência Artificial, novos suportes e interfaces, modelos de negócio, platformização do jornalismo, evolução e transformação das linguagens do jornalismo, incluindo o jornalismo gráfico e digital, o design e as narrativas. Também criado no Sul e em 2007, na Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), o *Grupo de Estudo e Pesquisa em Mídias Digitais* (Gemidi) desenvolve trabalhos nas áreas de convergência de mídias, apropriações tecnológicas, cibercultura e jornalismo digital. Sistematiza e reflete elementos da relação entre sociedade e cibercultura, questões no que diz respeito ao jornalismo digital e seu desenvolvimento e vislumbra possibilidades de atuação do jornalismo frente aos desafios colocados pela cultura digital. Em 2013, o grupo passou a fazer parte do recém-criado Mestrado em Jornalismo da UEPG, se juntando ao *Hipermídia e Linguagem* da UFSC como os únicos grupos de

3 Disponível em: <https://www.ppgcom.ufpa.br/index.php/pesquisa>. Acesso em 4 out. 2023.

pesquisa, dos listados no Quadro 1, vinculados a programas de pós-graduação *stricto sensu* em Jornalismo.

O *Grupo de Pesquisa em Ciberjornalismo* (Ciberjor) iniciou suas atividades em 2008 na Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS), a partir da realização do 1º Seminário de Ciberjornalismo, que abordou o tema “Desenvolvimento das pesquisas de Ciberjornalismo no Brasil”. Desde então, o Ciberjor reuniu pesquisadores das principais instituições de ensino de Campo Grande, como UCDB, Uniderp/Anhanguera e a Faculdade Estácio de Sá. O grupo *Jornalismo e Multimídia* na Universidade Federal do Tocantins (UFT), criado em 2009, estuda o uso das ferramentas do *Google* para arranjos jornalísticos alternativos no Tocantins e a mídia regional na era *online* através de um mapeamento em fluxo contínuo dos veículos de comunicação no estado. Como projeto de extensão produz o *Norte da Ciência*, podcast de divulgação científica do grupo.

Convergência: um conceito conhecido e exacerbado

A expansão do conceito de *cultura da convergência* (Jenkins, 2009) talvez explique a maior proeminência de grupos nos anos 2010, mas há outras variáveis que naquele momento eram impossíveis de se desconsiderar. Como bem versa França (2020), os conceitos unem uma discussão aguda para a sociedade, mas o próprio conceito não consegue explicar o contexto em si.

Parece que o que acontece a partir de 2010 é uma atenção especial ao ecossistema digital, não separando-o do analógico, mas tentando entender como ele é intrínseco e imbricado à atividade jornalística como um todo, fala-se em um *jornalismo em rede* (Barsotti, 2018). O grupo *Convergência e Jornalismo* (ConJor) iniciou em 2010 na Universidade Federal de Ouro Preto (Ufop). Conta com pesquisadores da Universidade Federal de Minas Gerais, UFSM, Universidade Federal de Juiz de Fora, Universidade do Estado do Mato Grosso, Universidade Federal do Paraná, Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Universidade de Brasília (UnB), Universidade Federal de Goiás, Universidade Federal da Paraíba, Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Universidade Federal Fluminense, Universidade de São Paulo, Universidade Estadual Paulista, Universidade Presbiteriana Mackenzie e Fundação Armando Alvares Penteado. Atua em colaboração com o Laboratório de Inovação em Jornalismo (Labin) da Ufop.

O *Jornalismo em Redes e Convergência*⁴ existe desde 2013, na Universidade Federal do Pampa (Unipampa). Desenvolve pesquisas voltadas às características do jornalismo em redes digitais, com foco na distribuição multiplataforma no cenário da cultura da convergência. O grupo *Comunicação e Tecnologias Contemporâneas* criado em 2014, na Universidade Estadual do Tocantins,

4 Disponível em: <https://cursos.unipampa.edu.br/cursos/ppgcic/grupos-de-pesquisa/>. Acesso em 4 out. 2023.

desenvolve pesquisas sobre as relações entre comunicação, linguagens e tecnologias (dispositivos, suportes e mídias), a partir da análise de objetos ligados ao universo midiático em torno da comunicação, da tecnologia e que perpassam o viés educacional e suas práticas culturais.

Em 2014, aloca-se na Universidade Federal do Paraná (UFPR) o grupo *Comunicação e Cultura Ciber* (Click) voltado à Comunicação com a perspectiva culturalista nos estudos de cibercultura. Abarcando aspectos históricos, sociológicos, econômicos e tecnológicos do campo, história, filosofia e ética da cultura ciber, práticas e processos de comunicação e imbricações entre o campo da Comunicação e seus campos mais próximos, como o Jornalismo, Publicidade e propaganda e *Digital Marketing*. Bem como as novas práticas, mutações e essencialidades, mediações digitais, redes sociais e sociabilidade em rede. Formado em 2014 na Universidade Federal Fluminense (UFF) o grupo *Mídias, redes e jovens: usos e apropriações em contextos digitais* investiga a relação entre mídia e juventude brasileira, num cenário marcado pela intensa midiaticização e pelas assimetrias sociais. Parte dos estudos de recepção latino-americanos e de letramento midiático e educomunicação, propondo pesquisas empíricas para mapear as mudanças dos usos e apropriações midiáticas da juventude.

O grupo *Tecnologia e Narrativas Digitais* (TECND)⁵, criado em 2015 na UFMA, foca nas questões ligadas à ecologia das mídias, à complexidade do ecossistema de meios e à exploração de formas narrativas que utilizam tecnologias emergentes, tais como, realidade virtual, realidade aumentada, inteligência artificial, big data e internet das coisas. Por fim, desde 2015, os pesquisadores que participam do grupo *Comunicação, Tecnologia e Sociedade* do Centro Universitário Internacional (Uninter) têm apresentado os resultados de suas pesquisas sobre *Comunicação, Consumo e Cibercultura, Mídia e Tecnologia*.

O grupo *Comunicação, Consumo e Subjetividade* foi criado na Universidade Católica de Petrópolis (UCP) em 2016 e estuda as relações entre consumo e subjetividade, os modos de ser e estar no atual cenário da comunicação pelos meios digitais. Os eixos das pesquisas são as mudanças cognitivas nas redes sociais, a midiaticização de eventos e formas de participação, as dinâmicas na forma de consumo do entretenimento, o consumo de experiências e suas relações com o *branding* e as colaborações participativas que interferem no modo ser e estar individual. O *Grupo Interdisciplinar de Pesquisa em Design da Informação Jornalística* (Grid) formado na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), em 2016, agrega pesquisas envolvendo infografia, visualização de dados e jornalismo de dados, o desenvolvimento de design de interface, tipografia, design de notícias, aplicativos para dispositivos móveis e jornalismo digital. O grupo mantém parceria com pesquisadores das universidades UFPE, UFSC, UFRGS e UFPB, além de integrar áreas de conhecimento como Comunicação, Design, Ciência da Informação e Ciência da Computação.

5 Disponível em: <https://portalpadrao.ufma.br/ppgcompro/grupos-de-pesquisa/tecnologia-e-narrativas-digitais-tecnd>. Acesso em 4 out. 2023

Criado na Universidade Federal Fluminense (UFF) em 2016, o grupo *Núcleo de Pesquisa em Televisão e Novas Mídias* (Televisões) reúne pesquisadores interessados em compreender a relação entre a televisão e os conflitos instituídos a partir do atual contexto midiático, marcado pela efervescente reconfiguração audiovisual acarretada sobretudo pela popularização da cultura digital. Pretende construir modelos teórico-metodológicos que permitam a compreensão da dinâmica cultural e social da televisão e das novas mídias audiovisuais, com ênfase na reconfiguração da linguagem, no circuito comunicativo dos produtos televisivos, na produção de sentido e na relação travada entre esses produtos, as empresas midiáticas e o público. Também em 2016, criou-se o *Grupo de Pesquisa em Jornalismo e Cibercultura* na UFMA. Em 2017 firmou parceria com o grupo *Ciberjor* na organização do Congresso Internacional de Ciberjornalismo, na UFMS. Agrega pesquisas sobre cibercultura, ciberjornalismo, os impactos das ferramentas digitais na vida social, nas interações e nas rotinas dos veículos de mídia em diferentes suportes, incluindo questões de interações, audiência, identidade profissional, rotina produtiva, convergência e outros⁶. O *Grupo de Estudos sobre a Nova Ecologia dos Meios* da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp) iniciou as atividades em 2016. Tem como objetivo estudar, a partir de um contexto amplo e interdisciplinar, a relação entre sociedade contemporânea e cenários midiáticos, seguindo os conceitos propostos pelos media ecologistas. Fundamentado teoricamente nos autores Marshall McLuhan e Neil Postman, o grupo pesquisa linguagens, interfaces, ambientes, utilizações e modelos de negócio no campo da Mídia e da Tecnologia, seja no jornalismo, no audiovisual ou em ambientes que adotam a comunicação midiaticizada como caminho.

O *Comunicação, Design e Tecnologias Digitais* começou na Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) em 2017. Objetiva a formação de novos pesquisadores em Iniciação Científica e Mestrado e promover a divulgação científica e ações de extensão com palestras e aulas abertas à comunidade no formato de videoconferências. Também desenvolve a produção de protótipos em realidade virtual.

Desde 2018 na Universidade Federal do Pará (UFPA), o grupo *Inovação e Convergência na Comunicação* (InovaCom) tem sido um espaço para discussões e reflexões tanto de assuntos pertinentes a sua temática central (inovação, convergência, comunicação), como de temas afins, congregando pesquisas que resultaram em teses, dissertações, monografias, trabalhos de conclusão de curso e projetos de Iniciação Científica. Busca compreender as dimensões da Comunicação no contexto da sociedade midiaticizada e convergente e as peculiaridades do jornalismo contemporâneo. Em 2018 surgiu o grupo, *Jornalismo Contemporâneo, práticas para a emancipação social na cultura tecnológica* (EmancipaJOR), na Faculdade Cásper Líbero (FCL).

⁶ Disponível em: <https://www.ppgcom.ufma.br/grupos-de-pesquisa/>. Acesso em 4 out. 2023.

O grupo organizou eventos em parceria com a Rede Nacional de Combate à Desinformação (RNCD) para discutir o Jornalismo contemporâneo, educação midiática e desinformação.

Já em 2019, na Universidade Federal do Piauí (UFPI) formou-se o grupo *Jornalismo e Convergência Midiática* (JOCON) com pesquisas voltadas aos processos e práticas do webjornalismo. No mesmo ano surgiu na Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM), o grupo *Tecnologias, processos e narrativas midiáticas* que estuda processos, práticas e produções no campo da comunicação midiática, levando-se em consideração a ambiência das tecnologias em constante mutação. Propõe análises e experimentações que possam contribuir com o ecossistema informativo e comunicacional.

No intervalo de mais de três décadas – 1990 a 2020 – os pesquisadores depararam-se com desafios impostos pelo *novo cenário convergente* que se desenrola desde os anos 1990 no mundo acadêmico. “Novo” porque deve-se levar em consideração que já houve historicamente *outros momentos convergentes* e estudos sobre essas situações de ruptura de modelos, formatos e suportes jornalísticos. Também deve-se considerar que todo período não linear de implementação, experimentação e transformação de processos, modos de ser, fazer e estar, a partir da tensão de tecnologias e de mudanças no cotidiano e comunicação social, representam uma convergência nas processualidades. Logo, o fim do século XX e início do século XXI podem ser melhor definidos como uma “ruptura na sociedade assim como foi com a TV e o rádio, não uma revolução digital e tecnológica” (Barsotti, 2023, *online*).

Agregações dos processos jornalísticos

Será que em 2020 o impressionismo com o contexto convergente foi superado? O que se sabe é que a preocupação com os desdobramentos específicos deste ecossistema do jornalismo, em especial nas pesquisas concentradas em Jornalismo, continua, mesmo que às vezes correndo atrás da roda. O primeiro grupo mapeado de 2020, *Grupo de Pesquisa em Convergência e Narrativas Audiovisuais* da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), não oferece muitas informações sobre as suas atividades na descrição do Diretório CNPq além das especificidades das linhas de pesquisa. Mesmo assim, indica-se a presença do grupo na trajetória da pesquisa em Jornalismo pela consonância com o objetivo deste artigo.

Também localizou-se em 2020 o grupo *Comunicação e Experimentação Criativa* (Conecta), na UFSM. O Conecta reúne estudos sobre fenômenos da comunicação e suas narrativas midiáticas, tentando compreender o entrelaçamento das variadas dinâmicas comunicacionais e a criação de práticas e processos inovadores de comunicação. Um espaço para produção experimental de produtos comunicacionais gráficos, sonoros, audiovisuais e digitais, voltados à informação, entretenimento ou educação com aporte

criativo e/ou tecnológico. Em 2020 o grupo *Laboratório de Mídias Digitais e Internet* (MíDI) da Universidade Federal de Rondônia (Unir). Tem como objetivo formar cientificamente e fixar pesquisadores iniciantes da área da Comunicação em Rondônia, desenvolvendo pensamento crítico, bem como estimulando a produção científica comunicacional no estado, por meio da divulgação científica dos resultados alcançados, promoção de eventos, parcerias e intercâmbios.

Em 2021, o *Núcleo de Estudos em Jornalismo de Dados e Computacional* (DataJor) formou-se no Instituto Brasileiro de Ensino, Desenvolvimento e Pesquisa (IDP). Faz parte do Mestrado Profissional em Jornalismo de Dados do IDP e foi criado para estimular a leitura e o debate sobre o uso de dados no jornalismo. Busca compreender as percepções da audiência em relação às publicações nos espaços digitais⁷. O *Grupo de Pesquisa em Processos Jornalísticos e Inovação* (Proji) da Universidade Federal do Cariri (UFCA) também é de 2021. Tem como objetivo desenvolver pesquisas teóricas e aplicadas sobre as transformações contemporâneas nos processos jornalísticos com foco nas práticas profissionais e nas tecnologias comunicacionais, nas novas fronteiras abertas por reconfigurações sociais e tecnológicas que afetam o campo do jornalismo, e zonas de interface com áreas do conhecimento que vêm ganhando espaço nos processos de produção da notícia, como o design multiplataforma e a ciência da computação.

Os três últimos grupos foram criados e cadastrados no Diretório do CNPq em 2022. O primeiro da lista é o *Bloco de Ações em RAP, Rádio e Ausências Sonoras* (Barras) da Unir. Ele nasce com parcerias de instituições de pesquisa, ensino e cultura de países africanos de língua oficial portuguesa, nomeadamente com a Bloco 4 Foundation de Moçambique, a Universidade Hip Hop em Angola e a Universidade de Santiago em Cabo Verde. O coordenador deste grupo e a instituição Bloco 4 Foundation são fomentadores de uma rede colaborativa em torno da pesquisa sobre o rap, que junto a Comunicação também é atravessado pelo contexto convergente. O segundo, *Grupo Interdisciplinar de Ensino e Pesquisa em Telejornalismo e Práticas Inclusivas* (Gepin), criado na UFMA, fomenta, apoia, aprimora e amplia as pesquisas e práticas educativas, informativas na emissora universitária. De acordo com os coordenadores, a TV UFMA poderá ser um importante campo de produção para a pesquisa aplicada dos cursos de pós-graduação da universidade, oferecendo espaço e infraestrutura para esta finalidade. Para terminar, o recente *Jornalismo e Inteligência Artificial* (JoIA) da UnB. Ele está cadastrado no Diretório CNPq, porém não oferece informações descritivas sobre suas atividades. Sabe-se que a criação se dá pelo tom das discussões mais recentes, que abarcam não só o jornalismo tensionado pela IA, mas também outras práticas sociais.

Em 2023, os grupos de pesquisa possuem novos paradigmas a serem estudados e que se juntam a problemas antigos. O que demonstra uma

7 Disponível em: <https://www.idp.edu.br/grupos-de-estudo>. Acesso em 4 out. 2023.

preocupação científica da área do Jornalismo, a partir da expansão e sofisticação da observação dos fenômenos que flexionam a prática jornalística, estruturando o próprio campo científico.

Considerações

O mapeamento apontou 38 grupos distribuídos pelas cinco regiões do país, com destaque para Sul e Nordeste, com 10 grupos cada, Sudeste com oito grupos, Norte com seis e Centro-Oeste com quatro. Mesmo com a presença desse tipo de pesquisa em todas as regiões brasileiras, observou-se pouca regionalização das linhas de pesquisa. Salvo alguns casos, como por exemplo, as mobilizações do grupo Gepin da UFMA com a linha de pesquisa *Memória e formação do Telejornalismo Maranhense*, o grupo Inovacom da UFPA através da linha *Processos Comunicacionais e Midiatização na Amazônia*, entre outras iniciativas. É um ponto a ser observado pelos outros grupos, pois investigar aspectos da realidade dos pesquisadores e instituições dos grupos ajuda a materializar as investigações, dando pouco espaço para debates panorâmicos e utópicos ligados à tecnologia.

Os grupos avançaram a partir do século XXI, 36 surgiram a partir de 2000, e apenas dois nos anos 1990. Pelo aumento na criação de cursos de graduação e programas de pós-graduação, mas também para ocupar um lugar de destaque nas discussões centrais para as pesquisas da época. Chama a atenção a quantidade de universidades brasileiras que integram um mesmo grupo compondo redes de pesquisa nacional, isso significa que há uma integração e efetivo campo de estudo brasileiro sobre as transformações tecnológicas tensionando o jornalismo. O início do século XXI marca uma transição importante para o cotidiano global. Se nos anos 1980 e 1990 a academia preconiza as possíveis mudanças do novo milênio e se esforçava para compreender o que aconteceria ao Jornalismo, em 2000, finalmente a população mundial entra na era das *Novas Tecnologias* e a pesquisa em Jornalismo no Brasil abarca as discussões da época.

Mas os dados revelam um universo disfórico de camadas que envolvem o estudo da tecnologia permeando os processos jornalísticos, o que dificulta a consolidação e ganho de relevância de algumas linhas e até mesmo a compreensão de fato do que está sendo discutido, mesmo que a progressão dos grupos ao longo das três décadas acompanhe as transformações da prática jornalística. Mesmo assim, conclui-se que um ponto positivo é que paulatinamente os grupos seguem a lógica que não basta entender o contexto convergente, mas se deve vasculhar os pormenores dos processos jornalísticos. É possível observar esse movimento na especialização das pesquisas, conceituações e perspectivas teóricas dos estudos em Jornalismo nesses últimos 30 anos.

Entendeu-se que o Jornalismo não é só mais um processo comunicacional, apesar de usar a Comunicação como suporte relacional, mas tem propósitos, problemáticas, soluções, técnica, causas e efeitos sociais. E especificamente no

Brasil, possui uma estrutura científica institucional de pesquisas focadas nos processos jornalísticos, incorporada pelos grupos de pesquisa das graduações e pós-graduações em Jornalismo e Comunicação do país. O que oferece para o campo do Jornalismo um espaço que facilita entender a diferença entre as ferramentas tecnológicas usadas na produção jornalística, e os processos jornalísticos como um conjunto de lógicas da prática atravessada pela tecnologia, estudados cientificamente.

Referências

- Barsotti, A. (2018). As máquinas não param: o jornalismo em rede na era da convergência de redações. *Revista Líbero*.
 _____ (17 de agosto de 2023) Aula da disciplina em Rede Jortec-SBPJor, 2023. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. Aula ministrada *online*.
- Bronosky, M., Cabral, L. (2022). 25 anos de teses e dissertações brasileiras sobre jornalismo na internet. *E-Compós*.
- França, V. (2020). Alcance e variações do conceito de mediatização. In: Ferreira *et al.* *Redes, sociedade e pólis: recortes epistemológicos na mediatização*. Santa Maria: FACOS/UFSM.
- Jenkins, H. (2009). *Cultura da convergência*. São Paulo: Aleph.
- Latour, B. (2012). *Reagregando o social*. Uma introdução à teoria do Ator-Rede. Salvador: Bauru, 2012.
- Plataforma Sucupira. 2023. Disponível em <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/programa/quantitativos/quantitativoIes.jsf?areaAvaliacao=31&area-Conhecimento=60900008> Acesso em 22/outubro/2023
- Salaverria, R. (2019). Periodismo digital: 25 años de investigación. Artículo de revisión. *Revista El Profesional de la Información*.
- Zelizer, B. (2019). Why Journalism Is About More Than Digital Technology. In: *Digital Journalism*, 7:3. 343-350.

